

FÓRUM DO SETOR ORIZÍCOLA

Consequências da Atual Política Agrícola para
os Municípios Arrozeiros da Fronteira Oeste

Consequências da Atual Política Agrícola

*Ruptura Sistêmica no Arroz:
O Travamento de um Modelo Exaurido*

DATA: 10 DE FEVEREIRO DE 2026 (TERÇA-FEIRA)

HORÁRIO: 8h30 às 12h30

LOCAL: PAVILHÃO DA FEIND

PARQUE DE EXPOSIÇÕES DR. LAURO DORNELLES

ALEGRETE - RS

Fórum do Setor Orizícola • 2026

Fernando Lopa
www.webrural.com.br

Realização:



Apoio:



Era da “Canoa Furada”

Há vinte anos, ao tentar explicar quanto custava produzir arroz no Rio Grande do Sul, utilizei uma metáfora simples:

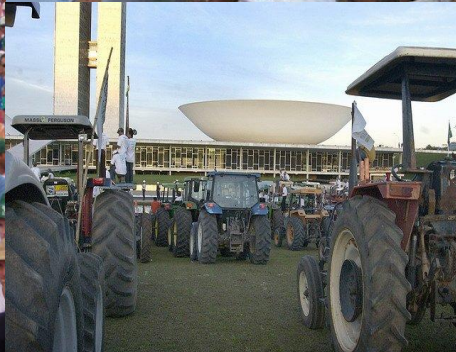
O negócio arrozeiro era **uma canoa grande**, aparentemente confortável, mas que fazia água.

Naquele momento, o alerta era claro, mas ainda contido. O risco existia, o retorno era incerto e a margem apertada.

O buraco não era tapado.

O esforço era contínuo para retirar a água e evitar o afundamento.

“Aprendi rapidamente que a lavoura de arroz exige competência técnica, sorte, política agrícola e uma boa gestão. Ao arrozeiro, devido ao grande volume de recursos envolvidos (afinal o arroz é o grão que exige o maior valor de recursos por ha dentre todos os outros grãos) só resta “chorar”, pois seu negócio exige que ele esteja sempre alerta e constantemente fique a retirar a água da canoa (“fique a chorar”). (AgroLink 27/maio/2005)”



Da disputa por margem à disputa pela sobrevivência

Em 2005, o produtor ainda disputava margem

O debate girava em torno de eficiência, produtividade e gestão.

Havia frustração, mas ainda existia horizonte.

A atividade exigia competência técnica, resiliência emocional e capacidade de absorver impactos.

Em 2025, a discussão mudou de patamar

Não se fala mais apenas de margem, mas de **continuidade (sobrevivência)**.

O produtor segue operando em um ambiente sujeito a diferentes tipos de choques (econômico, ambiental, político e de mercado), que não são mais episódicos, **agora são encadeados**.

*“Uma seca severa não é compensada por um ano seguinte normal. Uma enchente histórica ou uma chuva de granizo não é absorvida por dois ciclos positivos. Uma **intervenção governamental na política econômica** vigente gera custos não compensados pelo aumento da produtividade ou dos preços praticados no mercado.”*



A Evolução do Problema: Do Desgaste a Ruptura Sistêmica

Olhando hoje para trás, fica evidente que **não se tratava de uma canoa furada**. Trata-se de um modelo estruturalmente frágil, que resistiu enquanto o ambiente ao redor era mais lento, menos transparente e menos implacável. O que mudou não foram apenas o custo, o clima ou o mercado.

O que mudou foi a velocidade da ruptura.

Nas últimas duas safras, depois da pandemia, **foi possível uma repintura da canoa**. Entraram equipamentos novos, melhoraram-se as acomodações e o ambiente parecia mais estável, provocando investimentos na euforia do preço do arroz (e das commodities em geral).

Porém, novamente, a água passou a entrar mais rápido do que era possível retirar, afinal o custo dos insumos e máquinas reagem também a euforia das commodities.

Desta vez, diferente de 2005, a canoa afundou.

*“O produtor não tem mais anos bons com rentabilidade suficiente para consertar os anos ruins.
Essa talvez seja a maior mudança estrutural do período.”*



A ruptura ficou mais agressiva.

A informação é instantânea.

Hoje, **tudo acontece rápido demais** e a competição global se intensificou
A crise individual vira crise setorial em questão de dias.

A fragilidade é pública.

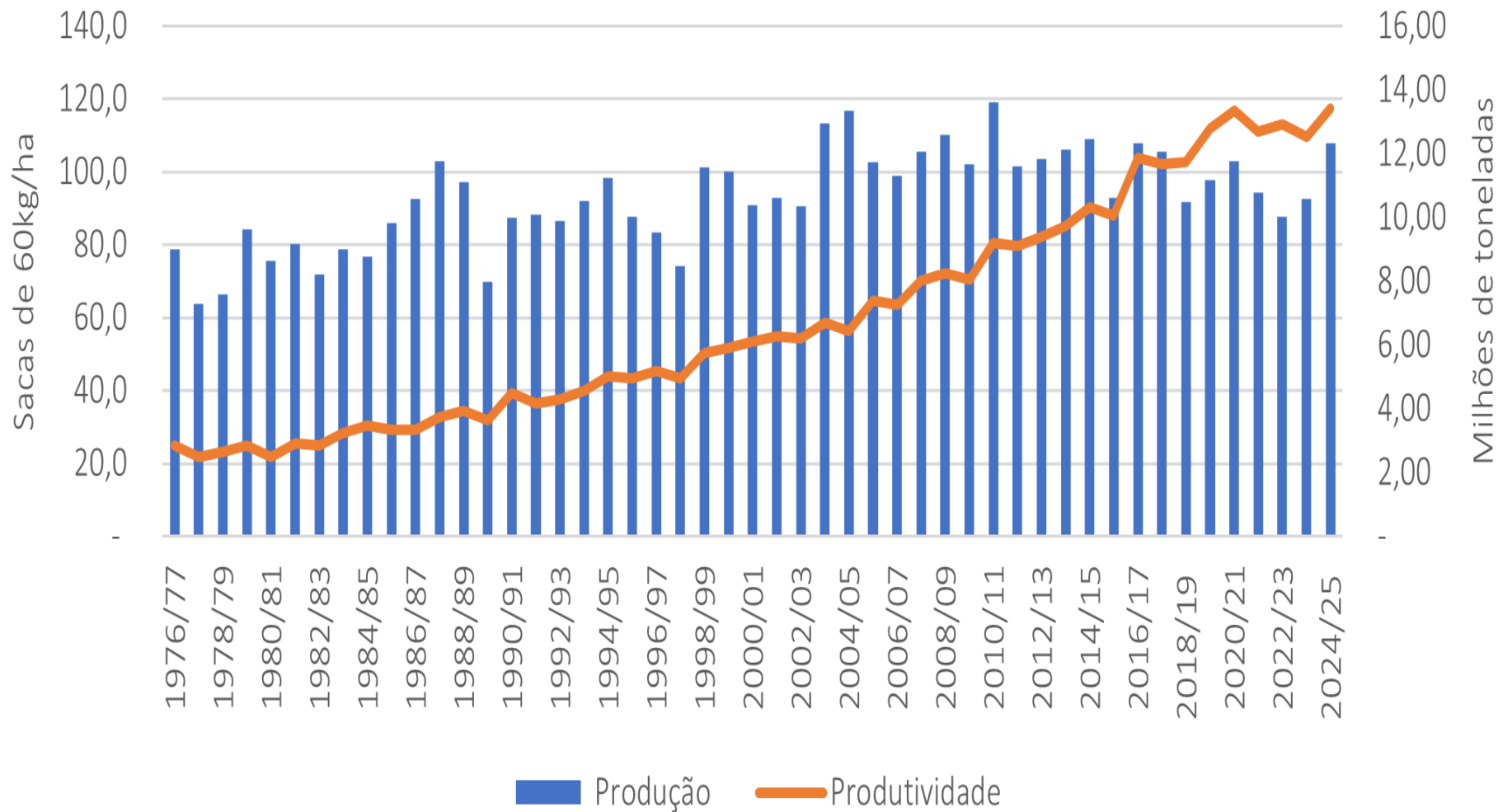
O produtor passou a operar sob um ambiente de transparência forçada, onde sua vulnerabilidade financeira, climática e emocional está escancarada para o mercado, para o crédito e **para a opinião pública**.

*“A ruptura é agressiva não apenas economicamente, **mas psicologicamente**.*

O erro custa mais caro.

O atraso pesa mais.

A margem de manobra praticamente desapareceu.”



Produção Local versus Velocidade Digital

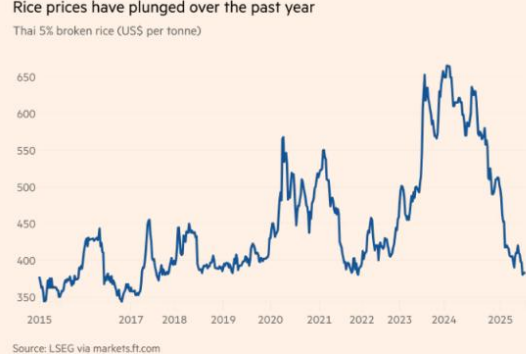
Custo Brasil

Produzimos com uma das maiores produtividades do mundo, mas competimos com os players **globais carregando custos tributários e logísticos superiores**, derivados de políticas internas que o fazem perder competitividade.

O arroz, diferente do soja, sofre os impactos das cotações do Mercado internacional, mas não é comercializado pelos produtores brasileiros nesse Mercado.

Exposição Instantânea

O arrozeiro produz localmente, mas **é atingido instantaneamente pela volatilidade dos preços** internacionais, acelerada pelo fluxo digital de informações, sem tempo de reação.



"O produtor está preso em um relógio biológico da lavoura, mas sendo julgado por um cronômetro digital global que ignora seus custos locais."

O que a observação nesses 20 anos da lavoura de arroz nos revelam sobre o negócio arroz?





O efeito silencioso do Paradoxo da Eficiência ou Produtividade

O Arrozeiro de hoje é mais tecnificado, mais produtivo e mais conectado do que o de vinte anos atrás. Produz mais por hectare, toma decisões com mais dados e utiliza tecnologias que antes eram impensáveis.

Ainda assim, sente-se mais vulnerável.

A eficiência individual evoluiu, mas o ambiente sistêmico se deteriorou. **O ganho de produtividade não se converteu em ganho de segurança.**

Em muitos casos, aumentou o endividamento, a exposição ao risco e a dependência de fatores externos que o produtor não controla.

*“O que acontece hoje com os arrozeiros escancara essa distorção. **Produtividade não garante rentabilidade.** Eficiência não protege da quebra. Trabalhar mais não significa ganhar mais.”*

O Arroz é a Cultura que Mais Exige Capital da sua implantação até a colheita, fora tecnologia de irrigação robusta

Intensidade de Capital

A implantação exige **um aporte por hectare superior a todas as outras grandes culturas**, considerando-se o arrendamento das terras, dispendendo grandes somas e sujeito as forças de mercado, como em qualquer cultura, mas **com prejuízos bem maiores** quando os preços oscilam para baixo.



*"O risco financeiro é altíssimo desde a implantação até a colheita, **sem margem para erros**. Não há mais espaço para improviso, romantização ou falta de controle de gestão e do endividamento."*

20 Anos de Campanhas de Consumo sem Resultados Reais

Esforço Inócuo

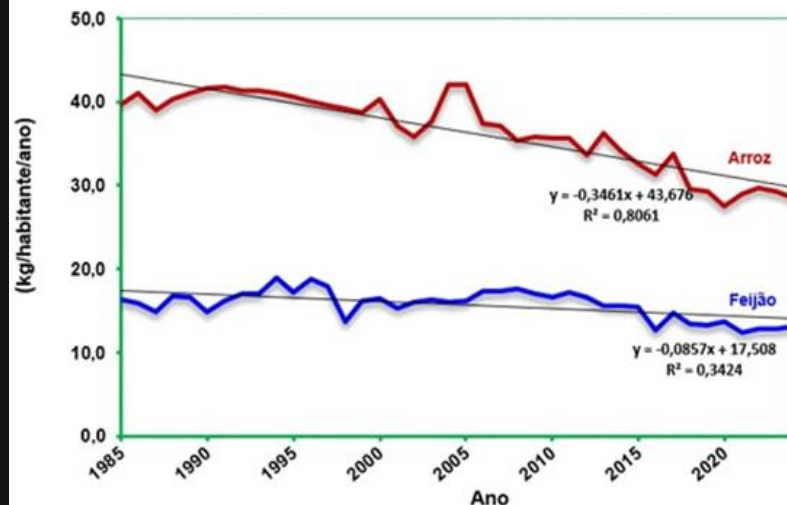
Há duas décadas realizam-se campanhas para aumento do consumo de arroz, mas os **índices permanecem estagnados**, sem impacto real na demanda.

Estagnação do Mercado

A dependência de um mercado interno estagnado pressiona as margens de lucro do produtor, que **não vê o retorno** dos investimentos em marketing.

“Os modelos de campanhas de consumo tem que, urgentemente, se adequarem aos novos tempos de redes sociais.

Serem mais agressivos, escolher vilões e neutralizá-los com a informação sobre os benefícios de substituí-los por produtos derivados de arroz.”



**7 dias sem arroz e sem açúcar para
secar a barriga**





A Solução de Exportação em Casca e seus Limites Atuais

Março de 2015

A estratégia de exportação de arroz em casca, implementada pela Federarroz em 2015, foi **um marco importante para o escoamento da produção** e agregação de valor ao preço do arroz no Mercado interno.

Crise Internacional

Atualmente, ela não tem conseguido amortizar as quedas de preço diante de crises internacionais, e só tem se mostrado eficiente quando os preços estão muito abaixo dos praticados no comércio internacional e **normalmente abaixo dos custos de produção**, sinalizando um teto para esse modelo de defesa.

*"O mercado global impõe limites que as soluções locais de escoamento não conseguem mais contornar, agravados **por total falta de política agrícola exportadora** para o escoamento do arroz em casca."*



O Arroz como Alvo de Políticas Populistas

Controle Inflacionário

Como componente essencial da cesta básica, **o arroz sofre intervenções estatais agressivas** quando o preço sobe, sacrificando a rentabilidade do campo.

Prioridade Populista

Políticas governamentais **priorizam o preço na gôndola** em detrimento da sustentabilidade de quem produz, gerando um desequilíbrio sistêmico.

"O governo utiliza o arroz como ferramenta de controle político, ignorando os custos reais de produção e a futura segurança alimentar de um importante item da cesta básica brasileira."

O Abandono na Queda: A Ausência de Políticas Anticíclicas

Falha Histórica

Até hoje, os governos não conseguiram implantar políticas anticíclicas que **assegurem renda ao arrozeiro**. Quando o preço cai, não há mecanismos eficazes de sustentação.

PGPM + PEP/Pepro **ajudam a dar um piso de preço, muitas vezes abaixo dos custos**, em anos de excesso de oferta, mas tem pouca efetividade na manutenção da rentabilidade do arrozeiro.



Exposição ao Risco

O produtor fica exposto ao risco total do mercado, **sem as redes de proteção comuns em outros países produtores**, tornando a atividade financeiramente insustentável.

Muitas **ações são reativas**, entram tarde (quando preço já despencou), reduzindo o efeito anticíclico e aumentando percepção de risco entre orizicultores.

*"O Estado age para baixar o preço na gôndola, mas **desaparece** quando o produtor enfrenta o colapso da sua renda."*

O Sistema em Bloco: O Governo como Agente de Asfixia



Pressão Multidimensional

O governo atua através de uma **carga tributária pesada, exigências ambientais e trabalhistas rígidas**, que funcionam como uma arma de ataque ao fluxo de caixa.

Exclusão Financeira

O sistema financeiro **impõe garantias, custos e classificações de risco** cada vez mais severos, levando o arrozeiro a abandonar a cultura ou a **recorrer a indústria para se financiar**.

Falta de Sensibilidade

A ausência de **flexibilidade regulatória** diante das crises do setor acelera o travamento da produção, ignorando a realidade biológica e financeira do campo, além de desconsiderar as forças de mercado.

Assédio Moral nas Negociações

O tratamento e rigidez nas negociações bancárias, além das “compras casadas”, impedem a recuperação de produtores que enfrentam problemas pontuais, **transformando o crédito em instrumento de pressão**.

"O Estado deixou de ser um provedor de infraestrutura para se tornar um agente de asfixia do produtor que tenta sobreviver. E o crédito, que deveria ser fomento, torna-se um instrumento de exclusão financeira e travamento do arrozeiro."



A Indústria Transfere seus Problemas de Liquidez para o Produtor

Pressão na Cadeia

A posição de força da indústria na cadeia do arroz permite que ela utilize uma série de mecanismos para **transferir seus riscos e problemas de liquidez** para o produtor, agravando a crise de renda e a inviabilidade econômica do setor arrozeiro.

Preços Internacionais com ênfase no Mercosul

A rapidez da informação digital faz com que oscilações nos preços **dos países do Mercosul pressionem imediatamente o preço na porteira do RS**, via importação desses países, sendo que não há paridade nas políticas tributárias entre os países.

Assimetria de Transmissão de Preços

Quando os preços de mercado sobem, o aumento é repassado **de forma lenta** e incompleta ao produtor. Quando caem, a redução é repassada **de forma rápida** e integral, ou até amplificada, para o produtor. Essa dinâmica garante que a indústria mantenha suas margens, enquanto **o produtor absorve** a maior parte da volatilidade e dos **riscos do mercado**.

Condições de Pagamento Desfavoráveis

Sem liquidez, as indústrias frequentemente impõem condições de pagamento desfavoráveis aos produtores. Prazos de pagamento estendidos ou atrasos deliberados se tornam uma forma da indústria **financiar suas operações com o capital do produtor**, sem custos.

Operações de Barter Desequilibradas

Embora a troca de insumos por produção futura possa oferecer acesso a insumos sem liquidez imediata para o produtor, ela pode ser utilizada pela indústria para garantir matéria-prima a preços pré-fixados, **transferindo o risco de preço futuro para o produtor** e, em caso de problemas de liquidez, pode resultar em negociações bem desfavoráveis reduzindo mais ainda as margens.

*"O Quando a indústria enfrenta problemas de liquidez, seu custo de capital aumenta. Para mitigar isso, ela busca reduzir custos em toda a cadeia. Uma das formas mais fáceis é pressionar o elo mais fraco – **o produtor** – seja através de preços de compra mais baixos, seja através de prazos de pagamento mais longos, transformando o produtor **em um financiador involuntário de suas operações.**"*



Desmistificando a Diversificação: Barreiras à Rotação e Integração

Desafios Técnicos e de Capital

Sistematização de Várzeas

A rotação com soja e milho **exige investimentos em drenagem e sistematização**, agravado pelo fato da irrigação poder falhar diante da instabilidade climática extrema.

Incompatibilidade de Maquinário

O parque de máquinas específico do arroz exige **novos aportes de capital** para culturas de sequeiro, em um cenário de endividamento e liquidez já comprometida.

A Barreira do Arrendamento

Rigidez Contratual

Contratos de arrendamento e a falta de segurança jurídica sobre investimentos em terras de terceiros impedem a rotação de longo prazo, inviabilizando também, a **integração com a pecuária**.

Inviabilidade Econômica

Custos de arrendamento fixados em sacas de arroz tornam a **conta da soja ou milho inviável** quando os preços dessas commodities oscilam para baixo.

*"A diversificação não é uma escolha simples, **para o arrendatário**, ela é muitas vezes uma barreira contratual e financeira intransponível."*

Incerteza Política: O Agravante do Risco Institucional

Falta de Previsibilidade

O futuro político incerto, agravado por políticas **voltadas sempre para uma reeleição**, gera uma camada de **risco incontrollável**, impedindo o planejamento de longo prazo e a segurança jurídica necessária.

Risco Institucional vs. Climático

Mudanças frequentes nas regras e a ausência de uma política estável tornam o risco institucional **tão ameaçador quanto os eventos climáticos ou de mercado**, desestimulam a continuidade na atividade e a adoção de novas tecnologias, agravando a exaustão do setor.

O Travamento do Produtor Gera uma Reação em Cadeia nos Municípios

Economia Local

A crise não fica restrita ao arrozeiro, **se propaga rapidamente**, gerando uma reação em cadeia que impacta diretamente a economia local transformando-se em um problema social e fiscal.

Arrecadação

A saúde financeira dos municípios arroseiros está intrinsecamente ligada à prosperidade do setor. O travamento do produtor **tem consequências diretas e severas na arrecadação**, que refletem diretamente na capacidade de investimento público local e na manutenção de serviços essenciais.

"A incerteza política não é apenas um risco abstrato; ela é o gatilho que transforma a crise do campo em um colapso fiscal e social nos nossos municípios."

A Redução de Área: O único instrumento que restou ao arrozeiro

Única decisão sobre controle

Durante anos, o produtor reagiu com mais tecnologia, mais produtividade e mais eficiência. Nada disso resolveu o problema central: rentabilidade.

EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA			
Safra	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	1.607,8	6.584	10.585,5
2024/25	1.764,0	6.888	12.757,5
2025/26			
Out/2026	1.664,7	6.887	11.465,1
Nov/2026	1.639,5	6.888	11.292,0
Fonte: Conab, Novembro de 2025			

Mecanismo de defesa financeira

É a única forma de não ampliar o prejuízo na próxima safra, preservar caixa mínimo, conter o avanço do endividamento, ganhar tempo para atravessar a crise. **Sem redução de área, muitos apenas produzirão mais prejuízo.**

"Quando o produtor reduz área para sobreviver, passa a ser responsabilidade do governo garantir abastecimento e preço do arroz na gôndola.

Sem uma política para o arroz essa é a única estratégia de sobrevivência para o arrozeiro."



Precisamos de um Novo Pacto pelo Arroz



Risco Sistêmico

A questão já não é mais eficiência, tecnologia ou capacidade de trabalho. O que está em jogo é a viabilidade de continuar produzindo dentro de um **modelo que transfere risco** de forma sistemática para quem está na base da cadeia.

Políticas Anticíclicas Reais

O que os últimos vinte anos mostram é que o arrozeiro não perdeu competitividade. Ele produz em escala global, com padrões elevados, **mas opera localmente sem políticas que acompanhem esse nível de exigência**. O resultado é previsível: **mais exposição, mais endividamento e menos margem de decisão**.

Equilíbrio Financeiro

O enfrentamento não é mais o clima ou o mercado. É a **ausência de tempo para se recompor**, a compressão constante de margem e a falta de instrumentos que reconheçam a especificidade da atividade arrozeira intensiva em capital e dependente do humor das políticas anti-inflacionárias governamentais. Insistir em tratar essa realidade como um desvio temporário é prolongar um processo de **desgaste que já ultrapassou o limite econômico e humano**.

Novo Pacto com o Estado

O arroz deve ser tratado **como ativo estratégico de segurança alimentar**, não como ferramenta política anti-inflacionária. O Estado tem que compreender que continuar na atividade da mesma forma não é resiliência, é risco cego.

Arroz e a gôndola

A ruptura em curso não será percebida somente pelo desaparecimento do arroz no mercado. Se manifestará pela saída silenciosa de produtores, pela concentração da atividade, **pela diminuição da produção** e pela perda de autonomia dos sobreviventes. Quando isso se tornar evidente, o custo já não será apenas do produtor, **mas de toda a cadeia e da sociedade**.

Nova Estruturação

Muitos vão **colocar empecilhos técnicos**, dirão que possíveis propostas formuladas **fogem à regra**. E estão certos. Elas fogem à regra de um modelo que exauriu e que usa os arrozeiros como amortecedores. Mas a verdade é que não falta viabilidade, **falta coragem política**. O sistema já provou que sabe ser ágil para nos cobrar; agora ele precisa provar que **sabe ser justo para nos manter vivos**.

**Precisamos de um
Novo Pacto pelo
Arroz**



É hora de pensar fora da caixa

**Temos que buscar
novas soluções para
os velhos problemas**



A Hora da Repactuação é Agora

Mobilização

Leve este debate para sua comunidade e sindicato.

União

Fortaleça a voz do produtor na Câmara Setorial e na Federarroz.

Exigência

Não aceite menos que uma reforma estrutural definitiva.

**O Futuro do Arroz Depende de uma Repactuação
entre o Arrozeiro e o Sistema**

Obrigado pela Atenção

*"Em defesa da nossa produção, dos nossos municípios
e da segurança alimentar do Brasil."*